



H0640

### **MODELOS E EXPLICAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA DA REVOLUÇÃO MEXICANA**

Rafael Pavani da Silva (Bolsista PIBIC/CNPq) e Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (Orientador), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, UNICAMP

A pesquisa indagou sobre os modelos interpretativos utilizados pela historiografia mexicanista por meio de três das mais importantes abordagens sobre a Revolução Mexicana: Adolfo Gilly (1971), que concluiu que a Revolução havia sido popular, mas interrompida; Arnaldo Córdova (1973), que asseverou sobre o caráter burguês e populista da insurreição; e Ramón Ruiz (1980), que a caracterizou apenas como grande rebelião, sem um perfil revolucionário. Partindo das premissas da construção de modelos explicativos eurocêntricos podemos dizer que estes historiadores escreveram uma história da ausência, reafirmando a América como espaço do vazio, pois adotaram perspectivas analíticas prévias e adaptaram os percursos dos processos políticos e sociais da Revolução aos seus modelos. A especificidade da história mexicana foi submetida a abordagens que qualificaram a Revolução dentro de determinadas concepções (como ser socialista ou burguesa) e tornaram irrelevantes as condições políticas, culturais e sociais que as produziram. A principal conclusão da pesquisa é a constatação de que qualquer modelo explicativo prévio tende a inviabilizar abordagens que contemplem as dinâmicas de processos específicos e suas singularidades. Questionar estes modelos é uma forma de indagar sobre a reprodução de uma dominação mais ampla nos campos econômico e cultural – e, de alguma forma, procurar um caminho sobre a produção de um saber histórico próprio dos povos hispano-americanos.

Revolução Mexicana - Historiografia - América Latina